

tríade
comunicação, cultura e mídia

Dossiê

O que é mídia afinal

**O que é mídia, afinal?
O fruto de um abraço**
*What is media, anyway?
The result of a hug*

**Luciano Victor Barros
Maluly***

Recebido: 28 nov. 2013 Aprovado: 06 dez. 2013

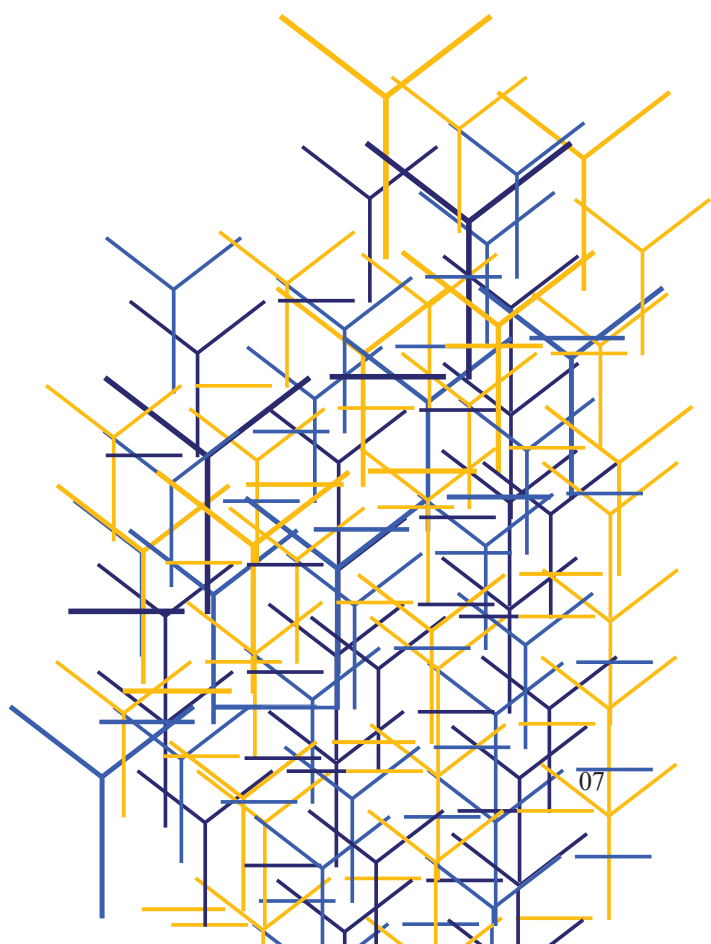
* Doutor em Ciências da Comunicação pela USP – Universidade de São Paulo. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista. Professor e Pesquisador na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: lumaluly@usp.br

Resumo: Este artigo possibilita uma reflexão sobre a mídia no Brasil, tendo como base uma aproximação entre o aprender e o comunicar. A hipótese é de que a mídia é fruto da escola, em particular a pública e de nível superior. Nela são formados os seus produtores, os mesmos que planejam o universo virtual como desvinculado do real. A alternativa é passar o controle aos educadores, como meio de transformar os meios de comunicação de massa em espaços criativos e de convivência. Deste jogo de palavras é permitindo revelar lacunas claras, mas nem sempre discutidas por acadêmicos e comunicadores, que preferem reforçar o modelo instituído pela chamada Grande Mídia.

Palavras-chave: Ensino. Escola. Mídia. Produtor. Professor.

Abstract: This article offers a reflection on the media in Brazil, based on an approximation of learning and communicating. The hypothesis is that the media is the result of the school, in particular, public and higher education. It is formed by their producers, the same who designed the virtual universe as detached from reality. The alternative is to pass control to educators as a means of transforming the means of mass communication in creative spaces and coexistence. This wordplay is allowing reveal clear gaps, but not always discussed by academics and journalists, who prefer strengthen the model set up by Big Media call.

Keywords: Education. School. Media. Producer. Professor.



Introdução

Roquette-Pinto já estava muito doente quando a televisão foi inaugurada no Brasil. Eu era uma adolescente e fui visitá-lo. Naquela época poucos tinham televisão, mas ele tinha uma enorme no seu quarto e, apontando para TV, disse: “Olha, minha querida, que belo meio para educar o nosso povo” (ROQUETTE-PINTO, 2002-2003, p. 15).

O pensamento do médico, professor e radialista Edgar Roquette Pinto, considerado o Pai da Radiodifusão no Brasil, determina o princípio desta discussão em torno da influência dos meios de comunicação de massa na sociedade. Sendo assim, torna-se necessário buscar a origem da pergunta “O que é a Mídia, afinal?” e, talvez, chegar a uma resposta visível que é, ao mesmo tempo, preocupante para os acadêmicos e sugestiva aos dirigentes dos canais informativos e comunicacionais.

O interesse constante em conduzir o conteúdo para fins comerciais causa um desconforto aos produtores que, em vez do planejamento direcionado à educação em programas televisivos e radiofônicos, são estimulados e, muitas vezes forçados, a elaborarem produtos voltados, quase que exclusivamente, ao entretenimento.

Neste âmbito, a pauta esportiva está quase toda destinada à competição, desvinculada dos valores olímpicos e do esporte, como o respeito, a amizade e a excelência (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2010, p. 3). Da mesma forma, as telenovelas, vitrines da mídia brasileira, procuram voltar o seu conteúdo mais ao escracho do que à cidadania. Observe que a linguagem entre as personagens diverge, em muito, do cotidiano do cidadão, como o uso periódico nos roteiros dos termos vadia, piranha e vagabunda. O mesmo ocorre diante das coberturas sobre saúde e educação, que são praticamente inexistentes nos noticiários, a não ser quando estão relacionadas às tragédias e às denúncias.

A falha educacional que pouco protege os docentes do ensino fundamental e médio é uma das causas da forte influência da mídia na sociedade brasileira. As péssimas condições de trabalho, desde os salários baixos, passando pela perda da autonomia até a carência da infraestrutura, levam os professores (em especial, os da escola pública) a manterem uma luta solitária em prol da educação, ou seja, da dignidade (dele, dos alunos e, principalmente, da

escola).

Esta constatação conduz a uma outra indagação muito presente entre os educadores, os comunicólogos e os pais:

A Mídia poderia substituir a Escola?

Os exemplos acima, da telenovela, do esporte e da cobertura superficial da educação e da saúde trazem uma perspectiva nada animadora. Se existe essa transferência da função da escola para a mídia, essa é defeituosa e realmente voltada aos interesses comerciais e ao entretenimento. E mais, a violência e a tragédia são utilizadas como estratégias de marketing, em favor apenas da audiência.

É essa a educação que você deseja para seus filhos? Uma pessoa que trata as outras de vagabundas, que compete a todo o momento e celebra a violência, a falta de educação e de saúde, ou você prefere um jovem cheio de amigos, que respeita as pessoas, dá o melhor de si, sem prejudicar o próximo?

De um lado, existe a perspectiva de uma saída digital diante da estagnação dos meios tradicionais, como o rádio, a televisão e o impresso, como o jornal e a revista. Uma possível alternativa à educação está permeada por um conjunto de ferramentas a distância, que possibilitam a interatividade e, assim, a troca de conhecimentos. Todavia, no mesmo patamar, é também um meio de acesso ao entretenimento, aberto desde a sátira até o sexo virtual. A tensão está presente a todo o momento, com o usuário a escolher e compartilhar os conteúdos.

Se ficar em frente ao computador, para trabalhar ou se entreter, tornou-se uma obrigação, assim como a busca pela convivência; então, seria melhor o sujeito permanecer a distância ou aproximar-se? Uma saída é reconquistar os espaços físicos para se informar e interagir, já que os virtuais já estão consolidados.

A escola é um desses lugares, tão atuante e criativo quanto aos destinados ao trabalho e ao lazer. Surge a possibilidade de construir e conhecer o universo do desconhecido, por meio da reflexão e do fazer. O professor torna-se o guia de uma viagem antes impossível para aqueles com dificuldades de acesso, seja cultural ou mesmo financeiro.

Nosso Profe. de latim, Mestre Aristeu, era magro e do Piauí. Falou que estava cansado de genitivos dativos, ablativos e de outras desinências. Gostaria agora de escrever um livro. Usaria um idioma de larvas incendiadas! Mestre Aristeu continuou: quisera uma linguagem que obedecesse à desordem das falas infantis do que das ordens gramaticais. Desfazer o normal há de ser uma norma. Pois eu quisera modificar nosso idioma com as minhas particularidades. Eu queria só descobrir e não descrever. O imprevisto fosse mais atraente do que o déjà visto. O desespero fosse mais atraente do que a esperança. Epa! O profe. desalterou de novo – outro colega nosso denunciou. Porque o desespero é sempre o que não se espera. Verbi gratia: um tropicão na pedra ou uma sintaxe insólita. O que eu não gosto é de uma palavra de tanque. Porque as palavras do tanque são estagnadas, estanques, acostumadas. E podem até pegar mofo. Quisera um idioma de larvas incendiadas. Palavras que fossem de fontes e não de tanques. E um pouco exaltado o nosso profe. disse: Falo de poesia, meus queridos alunos. Poesia é o mel das palavras! Eu sou um enxame! Epa!... Nisso entra o diretor do Colégio que assistira à aula de fora falou: Seo Enxame espere-me no meu gabinete. O senhor está ensinando bobagens aos nossos alunos. O nosso mestre foi saindo da sala, meio rindo a chorar. (BARROS, 2010, p. 111).

A Escola é real e a Mídia é virtual?

Talvez as posições estejam invertidas, sendo a escola sinônimo de um espaço ainda a ser construído, com sérias dificuldades diante das relações (aluno-professor-espaço). Essa escola cada vez mais em busca de consumidores do que aprendizes, em que os valores estão distorcidos. O real é a mídia, espaço que substituiu a escola, sendo adorada e cultivada, determinando gostos e costumes, sem ser incomodada.

Surgem assim as referências para os professores que levam e traduzem o universo da mídia. Músicas, notícias e ficção pautam a ordem da escola. Disciplinam como as disciplinas; transformam literatura e matemática em suportes, em vez do contrário. Por isso, a mídia influencia e cria gerações, que a coloca no topo da pirâmide, como referência do saber.

O estabelecimento da mídia leva a crer que, em breve, serão retomadas outras

discussões em torno da comunicação. Já não há necessidade de decifrar as novidades da tecnologia, de dizer que a Internet e suas mídias sociais podem mudar o mundo, porque já o modificaram. Essa consolidação estabeleceu outra diretriz, em torno da retomada de valores como o aperto de mão, a amizade, o deixar abertos o carro e a casa, de sair para encontrar os amigos, de cumprimentar o vizinho, de olhar na cara e assim por diante, até chegar ao ponto de perceber que tanto a mídia quanto a escola, se é que existe essa separação, são instrumentos contra a violência.

Instruir é caminho proposto, com cada um fazendo a sua parte, sem deixar algumas questões básicas sem debate, como é o caso da agricultura e da indústria, áreas fortemente bloqueadas pelo latifúndio e pelo monopólio, que poderiam ampliar os espaços de trabalho, hoje conduzidos pelo comércio e pela prestação de serviços. Os baixos salários e as péssimas condições de trabalho desestimulam os trabalhadores que, assim, deixam de prestar um serviço de qualidade. De um lado, surge o desânimo e, de outro, o medo do desemprego.

Outras questões são ainda mais preocupantes, como é o caso da fome, da ignorância e da doença, fatos que, às vezes, são esquecidos por jornalistas e educadores preocupados em revelar celebridades, exibir tragédias ou encontrar culpados diante do desastre humano visualizado pela corrupção e com o descaso para com o próximo. Uma mídia mordaz que traz a informação, mas sem interpretá-la.

No jornalismo, a máquina não chegou a matar o inventor, mas obrigou-o a trabalhar no ritmo que o progresso lhe ia impondo. (...) tem-se de produzir mais ideias, mais notícias, como se fossem salsichas, para dar de comer à máquina cada vez mais faminta. (PIERNES, 1990, p. 39).

Mas quem planeja a mídia são os produtores, que observam ali um modelo de negócio feito para prender as pessoas em frente às telas de televisão e computadores, porque trazem a falsa ilusão de trabalho, pela produção de textos como este, pesquisas plagiadas e veiculação da informação. Uma estranha revelação de um universo do faz de conta. São esses produtores que espalham o horror demarcado pela exaltação do mal, como se o ser humano fosse um ser abominável, feito somente para destruir e matar, com o amor sendo uma arma fraca perante esse sistema. São esses sujeitos que não desejam instruir, mas sim fazer da mídia um espaço

de esquecimento ou emburrecimento. E é assim que pensam os adultos quando utilizam a mídia fora do trabalho e é assim que fazem os jovens quando utilizam a mídia como trabalho, ou seja, enganam e são enganados, da mesma maneira de quando o professor que finge ensinar e do aluno que finge aprender.

Não seria melhor então substituir esses animadores pelos mestres?

A mídia é fruto da escola pública, porque esses produtores frequentam as melhores universidades brasileiras. Passam anos em colégios particulares para retornar à escola pública, reproduzindo na mídia os seus fracassos e vitórias. Buscam a audiência a qualquer custo, sem pensar nas consequências da mensagem.

Se a mídia está ruim é porque a escola está com problemas. Vamos propor uma troca entre o professor do ensino fundamental e médio e o produtor de Televisão e Internet, sendo que o primeiro planeja o conteúdo da mídia e o segundo entra em sala de aula. Enquanto o primeiro produziria programas sobre geografia, história, biologia, química, matemática, física e línguas, com as personagens a vivenciar o mundo do conhecimento, com notícias e séries sobre o cotidiano das pessoas que trabalham e estudam; o segundo faria um circo cheio de novidades, com os alunos a rir um dos outros, mostrando a tragédia humana da velha luta entre o bem e mal, sem se preocupar se o conteúdo é verdadeiro ou falso ou se suas personagens são pessoas honestas ou não, já que, no mundo dos produtores, os políticos corruptos merecem destaque, enquanto o cidadão é apenas público.

Não daria certo, porque os produtores transformariam a escola em entretenimento e negócio, lembrando que os educadores que também escolheram essa opção, como o que acontece em algumas universidades privadas, chamam alunos de clientes e tratam os professores como meros revendedores de informações.

Esses produtores levaram as pessoas a acreditar que o consumo - de produtos eletrônicos, do automóvel zero quilômetro, da casa própria, das viagens - seria a solução para desgraça das péssimas condições de trabalho, do sujeito que não consegue exercer o seu ofício e se sujeita a “fazer qualquer coisa para sobreviver”. Esta fase é a mais perigosa, pois determina um reajuste com o sistema. O aprendiz, ao estar vinculado à mídia, cria o sujeito dependente e limitado, sem perceber que a conquista do seu espaço real depende da ocupação dos bancos escolares, dos palcos e salas de apresentações artísticas, dos bares e das festas, do coração ou do respeito dos colegas, amigos e familiares. Aproveitar o tempo passa a ser o objetivo, sendo a mídia um instrumento de aproximação e não de distanciamento ou escravidão.

Considerações Finais

De tudo, um pouco é frase que fundamenta a relação do homem com a vida e, portanto, com a mídia, sendo fundamental perceber o quanto ela nos influencia. Se a mídia orienta ao consumo, por que este universo não pode ser revelado pela educação, com a consciência de saber utilizar o dinheiro, evitando dívidas e o desespero que afeta a tantos em épocas de empolgação e milagres econômicos. Esse consumo desacelerado pode ser utilizado em favor do gosto público pela cultura, consolidando a criatividade por meio dos movimentos populares e artísticos.

O professor passa a ser o condutor desse processo, mostrando aos alunos que a mídia não castra a liberdade, sendo apenas um meio de comunicação, não uma ditadura que prejudica o convívio e a consciência ou impõe direitos e deveres. A diferença é que o produtor ganha um salário considerável, enquanto o professor de ensino fundamental e médio luta por um pouco mais de três salários mínimos.

Esquecemos os nossos professores e os livros que nos ensinaram a ler, assim como guardamos os nomes das celebridades, seus filmes e jogos que encantaram quando se busca entretenimento. Em pouco é valorizado aquele que nos alfabetizou. Porém, o ensinamento deste é o que determinará quem somos. Dele, a comunicação é direta, sem máquinas. Ir à escola significa quebrar o ritmo mecânico e não deixar que instrumentos nos controlem e

eduquem.

A mídia é o fruto mais doce e consumido da escola, sendo visível o desgaste provido da influência europeia e norte-americana, a mesma que faz os turistas e estudantes esquecerem ou deixarem como periféricos os demais continentes; a mesma reproduzida pelos disseminadores de cultura, como os produtores, em particular os jornalistas, que alimentam o nosso cotidiano com notícias e produtos dos dominadores. Cultuem Miami e Paris e sejam ricos pelo consumo e pela cultura daqueles que os escravizaram.

Precisamos de intelectuais que se preocupam com o coletivo. Esses sujeitos frequentam a escola, convivem com o professor, o mesmo sujeito esquecido pelo Estado, mas com caráter para ensinar que o melhor da vida pode começar com um simples abraço.

O que é a mídia, afinal? Foi a pergunta que me fizeram. Fruto da escola, respondo, sem perceber que muitos tentam acabar com ela, mostrando que a mídia é muito mais poderosa. É triste saber que muitos acreditam que existe uma separação. Não existe, porque a educação, mesmo que seja feita em casa e pelos pais, formula o sentido da escola - do ensinar e aprender, sem hierarquias de poder, mas sim de integração.

Precisamos da escola e, por conseguinte, da mídia, porque ela faz parte das nossas vidas, assim como nossos pais, que permanecem em nossa memória, mesmo que distantes, por meio de seus ensinamentos, como ensinara Ingmar Bergman, em “Morangos Silvestres” (1957). Uma dessas lições é aprender com a mídia da mesma forma do que na escola. Saber separar o conteúdo que traz valores, como o respeito e a dignidade, daqueles que desmerecem a pessoa.

É quase impossível os educadores serem aceitos como produtores, mas é real a atuação conscientizadora exercida na escola. Jogos, filmes, Internet e outras mídias conduzem à diversão da mesma forma que educam e, por isso, torna-se revelador o acesso e, assim, a possibilidade de escolha. Se o conhecimento traz a liberdade, quando perdidos, é só ouvir as palavras do professor:

É possível olhar o mundo em outra perspectiva. Assusta porque determinadas coisas, de gigantes se transformam em poeira. E outras, de tão pequenas viram enormes e cheias de detalhes – que ficam importantes. As utopias e os sonhos ficam tão próximos e os percalços são fáceis de pular. Basta aproveitar os momentos intensamente sem esquecer a trajetória – ou fazer destes momentos os passos da trajetória que não se resume ao destino que se chega, mas também o caminho (OLIVEIRA, 2013, s/p.).

Referências

BARROS, Manoel de. Aula. In: **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo. Planeta do Brasil. 2010.

BERGMAN, Ingmar. **Morangos silvestres**. 91 minutos. Suécia, 1957.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Olimpismo – suas origens e ideais**. Rio de Janeiro: COB, 2010. Disponível em http://www.cob.org.br/movimento_olimpico/olimpismo.asp

OLIVEIRA, Dennis de. Calçando os caminhos. In: **Blog do Dennis: escrevo o que quero**. São Paulo: 1 de Maio de 2013. Disponível em: <http://dennisoliveira.wordpress.com/category/olhares-poeticos-e-liricos/> Acesso em nov. 2013

PIERNES, Guillermo. **Comunicação e desintegração na América Latina**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

ROQUETTE-PINTO, Vera Regina. Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativos. **Revista USP / 80 anos de Rádio**. São Paulo: 2002-2003, p. 10-15.